

# DE OFFICIIIS LIBER TRES: POR UMA NOVA ANÁLISE DA CENOGRAFIA E GÊNERO

Prof. Lucas Amaya (UFRJ)<sup>1</sup>

## RESUMO:

O presente artigo objetiva uma análise do gênero discursivo e cenografia da obra *De Officiis*, de Marco Túlio Cícero, revisando conceitos estabelecidos e sugerindo novas possibilidades de leitura. A partir de sucintas reflexões sobre a construção da obra, tomando como ponto inicial a Semântica Global envolvida – principalmente o que tange gênero do discurso, cenografia e coenunciador presumido -, parte da teoria do francês Dominique Maingueneau, e a conceituação de epistolografia clássica, propomos novos meios de analisar a obra em questão. O ponto de partida é o livro três da referida, que por ora nos oferece mais indícios do que desejamos ser o gênero epistolográfico no mundo clássico, não só fazendo apontamentos de sua existência, mas também possibilidades de conceituação.

**Palavras-chave:** Cícero, *De Officiis*, epistolografia, gênero discursivo, cenografia.

## 1. Introdução

Marco Túlio Cícero (nascido em Arpino, 106 a.C., morto por ordem de Marco Antônio, em 43 a.C.), é uma das maiores fontes literárias do período dourado da língua latina, século I a.C. a século I d.C. De berço equestre<sup>2</sup>, percorreu o *cursus honorum*<sup>3</sup> em Roma, chegando a ser cônsul em 63 a.C., e de fato obteve grande sucesso, observado sua origem política de alcance apenas provinciano. Também teve uma carreira jurídica brilhante, sendo

---

1 Professor substituto, por Concurso Público, na UERJ; mestrando bolsista CAPES na UFRJ.

2 Classe social romana, abaixo apenas dos *senatores*. Ganham seu poder através de ganhos mercantis, enquanto as famílias mais proeminentes retinham seus poderes a terra, ou propriedade imóvel.

3 O homem romano livre, e de classes dominantes, deveria escolher duas áreas iniciais: militar, jurídica. A partir daí trilhava seu caminho político - questor, edilício ou tribuno da plebe, pretor, cônsul, censor. Nem todos podiam chegar até o final, apenas os da classe senatorial, a priori, o que deixou de existir depois dos editos de Sula, na década de 80 a.C., que deu maiores poderes aos equestres.

o ápice as Catilinárias, discurso contra Catilina e sua suposta conspiração<sup>4</sup>, mas seus conhecimentos sobre a lei romana perpassam sua obra como um todo.

Em verdade, escreveu diversos gêneros discursivos muito diferentes entre si, das quais não chegou a nós seus poemas (apesar de termos conhecimento do célebre verso “*fortunatam natam me consule Romam*”<sup>5</sup>, entre alguns outros que são atribuídos a ele), e algumas obras em prosa, como quase a totalidade do *De Re Publica*<sup>6</sup>, e o *De Gloria*. Dos que nós temos, parte foi publicado com o consentimento do próprio, parte foi publicado pelo seu secretário, Marcos Túlio Tirão, após a sua morte, destacando-se suas cartas pessoais. Ademais, podemos considerar que Cícero escreve sobre Filosofia, Política, História, Oratória, Direito *et cetera*, apesar de ser anacrônico fazer tal afirmação, já que praticamente tudo isso se resumia a Filosofia e Oratória em seu tempo.

De acordo com Schmidt (IN Klauck, 2006), Cícero foi, senão, o pioneiro no gênero epistolar. Como entendemos, portanto, leva-se em consideração não apenas as cartas de comunicação intrapessoal<sup>7</sup> e de acesso restrito ao que escreve e ao que se destina, mas um estilo no qual assuntos diversos não necessariamente cotidianos são abordados e, apesar de nominalmente ser dirigida a um - coletivo ou individual -, pode efetivamente ser para uma público bem mais amplo, o qual não é ignorado no momento de composição. E isto é comumente causa de diversas contradições e análises conflitantes das obras ciceronianas: se obras como *Orator* ou *De Officiis* eram ou não cartas, ou, como costumava dizer o próprio orador, tinham uma aparência de, mas não seriam.

Porém, com os avanços dos estudos da linguagem, principalmente os feitos por Dominique Maingueneau, tal análise precisa de fato ser revista, pois há outros aspectos que devem ser levados em consideração e podem nos levar a novas conceituações de gênero.

---

4 Cícero é exilado em 58 a.C. por ter causado a morte de Catilina e os seus sem um julgamento e decisão final no Foro. Ainda que alguns apaixonados digam, e possam até ter razão em, que seu exílio foi um golpe político, demonstra a fragilidade das teorias de Cícero acerca de Catilina. Efetivamente, a condenação à morte se deu de forma unilateral e com provas frágeis.

5 “Afortunada Roma nascida em meu consulado” (tradução livre nossa)

6 Só temos o livro “O Sonho de Cipião” de forma completa, o resto são fragmentos espaçados e de fontes até então muito deterioradas.

<sup>7</sup> Queremos aqui ser entendida carta de comunicação intrapessoal (a ser chamado mais a frente apenas de carta intrapessoal) uma comunicação escrita, cotidiana, substituta de um diálogo devido à distância espacial, de estilo geralmente informal, com temática de fatos pessoais e corriqueiros.

De acordo com o teórico francês supracitado, há diversos aspectos do texto que, sem hierarquização, constroem o texto de forma mútua e dependente entre si para que se chegue num discurso<sup>8</sup> final. Dentre eles, nosso foco neste artigo é o Gênero Discursivo.

## **2. A epistolografia clássica, um gênero?**

Antes de vermos se epistolografia clássica é ou não um gênero discursivo, cabe ver o que é um gênero discursivo. Para este artigo, que não objetiva a discussão sobre o que é um gênero, adotemos primariamente a reflexão de Bakhtin (1997),

“A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais ou escritos), concretos e únicos, que emanam duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua - recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais -, mas também, e, sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissoluvelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso”.

Conhecida essa proposição de gênero discursivo, somos capazes facilmente de reconhecer, por exemplo, a epopeia clássica como um gênero – por sua versificação, temática heróica, divisão em livros e episódios, presença e influência divina no enredo –, ou o texto historiográfico clássico. Cabe então perguntar-nos se a epistolografia exige formas composicionais, conteúdo temático e estilo para que seja entendida como tal. E, se

---

<sup>8</sup> Discurso aqui tratamos da aplicação do texto à sociedade.

não atendidas as normas, trataria-se de uma cenografia de modo de estabelecer a *fides*<sup>9</sup> necessária?

O primeiro problema enfrentado para analisar a epistolografia clássica é a descrição moderna sobre. Martin e Gaillard<sup>10</sup> (1990) descrevem não como um gênero literário, mas como o que Foucault chama de discurso cotidiano - ainda que os teóricos citados não façam referência à obra deste -, que morre assim que pronunciado e não tem longo alcance histórico. No mesmo livro, eles levantam a hipótese do conteúdo epistolar ser apenas uma troca de informações de conhecimento a se manter restrito e intrapessoal. Por fim, não categorizam as epístolas não como um gênero literário exatamente<sup>11</sup>, como fica claro no subtítulo da página 454, *un genre qui n'en est pas un*, e que se define apenas por ser uma comunicação entre um enunciador e um receptor, com as formas comuns a uma carta - cabeçalho e assinatura basicamente.

Segundo estes, ainda, a obra ciceroniana considerada epistolar é somente o conjunto de cartas *Ad Familiares*, *Ad Atticum*, *Ad Brutum*, *Ad Quintum*. De fato, essas são cartas de Cícero, porém, nem todas reais, algumas eram burocráticas e compostas para servir como modelo a ser tido como exemplo. Cícero provavelmente não queria parte ser de conhecimento público, por trazer informações muito pessoais, enquanto outras é sabido terem sido abertas, apesar de direcionadas a um único destinatário. É também isso visto quando Cícero mostra temeridade em relação a desvio de cartas e a explanação de outras tantas falsas que levam nomes de pessoas de grande *auctoritas*, como poderemos perceber nas palavras de Klauck (2006), “(C)icero often had to deal with problems of letter security, from simple breaches of confidentiality to intencional espionage. He was also aware of the danger of receiving spurious letters written in the name of an important person such as Caesar...”.

Ora, se há a circulação de cartas falsas e outras tantas são extraviadas - originais ou não -, parece-nos claro que não raro cartas eram lidas pelos seus não destinatários

---

<sup>9</sup> *Fides* não era a manutenção da realidade sócio-histórica do autor no discurso, mas a construção de uma verdade interna e que servisse à construção do texto, num intermédio entre enunciador e coenunciador.

<sup>10</sup> Um dos únicos manuais teóricos de literatura clássica que abordam os estilos em si, não as obras em específico.

<sup>11</sup> Chamam de gênero paraliterário.

primários, aos quais eram endereçadas. A partir disso, é possível conceber que já no século I a.C. havia um meio no qual eram passadas cartas diversas, cartas escritas para serem lidas por mais de uma pessoa ou que houvesse a possibilidade reconhecida de que fosse lida por mais de uma pessoa. Assim, cria-se uma gama muito maior de coenunciadores - uma vez que, sabida essa hipótese, escrever-se-ia com mais esmero e possibilitando até a escolha temática prever assuntos de interesse geral.

Sustentam essas hipóteses as cartas que Cícero compôs para servirem como modelo, por exemplo, de apresentação e de indicação. Se eram modelos, é porque circulavam entre um grupo, mas não deixam de ser cartas. Também, para citar outro, as cartas literárias de Ovídio, *Epistulae Heroidum*, ou Heróides. Trata-se de poemas tendo como enunciador mulheres famosas abandonadas por heróis, que por sua vez são os destinatários. Ainda que sejam de um gênero literário, e a carta seja apenas uma cenografia<sup>12</sup>, esta só pode se basear em um estilo que a sociedade que receba e reconheça. Sendo assim, o grupo que tem acesso as Heróides, que faz parte do grupo que tinha acesso as cartas ciceronianas, reconhece a cenografia carta, pois é reconhecido o gênero carta, ou epistolar<sup>13</sup>.

E ainda que no livro X da *Institutio Oratoria* de Quintiliano, tomado como base para uma análise dos gêneros literários latinos<sup>14</sup>, não haja referência a *Epistulae*, de fato, assim como também não há referência às fábulas de Fedro e Aviano, sobre isso, já nos alerta Martin e Gaillard (1990), “(C)ette liste à nos yeux lacunaire: on n’y trouve ni le roman ni le genre épistolaire; mais cela n’a rien de surprenant, puisqu’il s’agit de genres dont la naissance est à peu près contemporaine de cet ouvrage, qui ne pouvait, par conséquent, les prendre en compte...”. Em verdade, a falta de referência em Quintiliano não interfere a existência de tais gêneros discursivos.

---

<sup>12</sup> Segundo Maingueneau, cenografia é um simulacro de gênero discursivo, usado, por vezes, para criar ciladas ao coenunciador. Traz em si informações espaço-temporais pertinentes a veracidade interna do texto.

<sup>13</sup> Martin e Gaillard (1990) fazem referências a teóricos, como Deissmann, que diferenciam carta e epístola. De fato, em português (carta e epístola), inglês (letter e epistle), francês (lettre e épître), como em outras línguas modernas há essa diferença. Não parece haver essa diferença no mundo clássico, pois tudo se resumia a *epistola*. Por isso não faremos tal diferenciação.

<sup>14</sup> E com razão, pois efetivamente é uma fonte segura e de maior proximidade temporal, além da vivência em sociedade de língua latina ainda.

Ademais, a atribuição de valor literário a uma obra é feita pela comunidade que a recebe. Se um grupo desavisado recebesse a carta de Fílis a Demofonte<sup>15</sup>, poderia realmente crer que a heroína estivesse numa praia isolada, a esperar seu amante. Em mão contrária, por séculos se acreditou, e muitos ainda acreditam, que as elegias retratavam paixões reais dos poetas, como demonstra a classificação “*autobiographie*”, usada por diversos manuais franceses de literatura clássica. Assim, a valoração “literário” não deve limitar a análise do gênero epistolográfico, uma vez que pode ser ou não literária, conforme a concepção social de literatura e, por conseguinte, de texto literário.

Neste caminho, o estilo pode não ser literário, mas não exclui necessariamente a existência de um ethos próprio, cuja pressunção de estilo é mister. É aberta, verdadeiramente, a escolha entre verso e prosa, mas isso não quer dizer que não haja uma forma, ou melhor, uma série de informações que devem ser dispostas ao longo da carta, como: quem escreve, donde escreve, a quem escreve, porque escreve. Essa série de informações em geral é vista logo no começo do texto. E isso não é temática, mas sim traços que definem a forma “carta”.

Ulteriormente, outro fator é preponderante para a classificação do gênero epistolográfico: o coenunciador. Se há estilos nos quais o “eu” é preponderante, na epistolografia o fundamental é o “tu”. Podemos, sem dúvida, escrever cartas a nós mesmos, mas assumimos duas posições distintas, o “eu” e o “eu a quem eu mesmo me direciono”; assim como é comum escrever a um “tu” distante, no tempo ou no espaço, seja ele coletivo ou singular. Sabido isto, não há carta sem destinatário<sup>16</sup> e via de regra ele se encontra explícito no começo ou no final do discurso, saudação e despedida, ao menos nas cartas formais. Todavia não deve fugir a nossa mente que não temos os textos originais e de fato não sabemos a estrutura exata dos papiros ou tábuas, materiais usados na época, nem é nosso foco aqui tratar de desse tipo de pesquisa histórica.

Com isto, parece-nos claro que há sim um gênero discursivo epistolar, não apenas uma cenografia a serviço doutro gênero. Em consonância com essa possibilidade de análise

---

<sup>15</sup> Segunda epístola das Heróides.

<sup>16</sup> Certamente não há texto algum sem coenunciador, presumido ou não. Mas no caso do gênero epistolar, sua presença é bem mais explícita que em outros, como o gênero épico.

de determinada obra, é possível diferentes visões sobre o ethos, o coenunciador, a dêixis, enfim, uma nova leitura, não só do texto, mas da sociedade que permitiu, e se transfigurou através de, a existência do discurso.

### 3. Os apontamentos à epistolografia *in e ex* “*De Officiis III*”.

*De Officiis* foram os últimos escritos compostos por Cícero antes de sua morte, entre o final de 44 a.C. e o começo do ano seguinte, provavelmente a parte inicial sendo composta simultaneamente as *Philippicae*. São divididos em três livros: o primeiro destinado a discutir o que seria honesto; o segundo, o que seria útil; o terceiro, se haveria choque entre o útil e o honesto. Este último, de acordo o próprio Cícero foi escrito conforme sua própria razão, enquanto nos dois primeiros segue Panécio, mas obviamente influenciado pelas escolas filosóficas gregas - principalmente o ceticismo. Foi de grande importância para Santo Agostinho e durante os períodos de mudança no final da Idade Média, como base teórico-filosófica.

Ao contrário de outras obras filosóficas ciceronianas, em moldes de diálogos platônicos, essa tem como enunciador nomeadamente o próprio Cícero, enquanto emissor, e o coenunciador seu filho Marco Túlio, como destinatário. A temática escolhida, de acordo com o próprio orador, é a mais apropriada para ser explanada de pai a filho, “*(S)ed cum tota philosophia, mi Cicero, frugifera et fructuosa nec ulla pars eius inculta ac deserta sit, tum nullus feracior in ea locus est nec uberior quam de officiis, a quibus constanter honesteque vivendi praecepta ducuntur.*” (De Off. III.5)<sup>17</sup>, e mais a frente, “*(Q)uod cum omnibus est faciendum, qui vitam honestam ingredi cogitant, tum haud scio an nemini potius quam tibi...*” (IDEM, III.6)<sup>18</sup>.

Segundo o teórico italiano Conte (1999), “...dedicated to Cicero’s son Marcus, then a student of philosophy in Athens (...) In the *De Officiis* Cicero claims to be addressing to the young in the first place, which confirms the pedagogic function that he generally

---

<sup>17</sup> “Mas, meu Cícero, ainda que toda filosofia seja fértil e frutífera, e que parte nenhuma desta esteja não cultivada, nem esteja abandonada, então nada é mais fértil, aí nesse meio, nem mais abundante, quanto sobre os deveres, pelos quais os preceitos para viver são conduzidos com constância e de forma virtuosa.” (tradução livre nossa).

<sup>18</sup> “Pois como deve isso ser feito por todos que cogitam começar uma vida honesta, então tendo a achar que a ninguém antes de ti.” (tradução livre nossa).

*attributes to his work of philosophical popularization.*”. E conforme Griffin e Atkins (2011),

*“De Officiis is, however, neither a general tract disguised as a personal address (like the Pamphlet on Standing for Office, ostensibly addressed to Cicero by his brother Quintus), nor a piece of personal admonition disguised as a general essay (like the letter on how to govern a province addressed to Quintus by Cicero (Qfr, I.I)). It is both genuinely appropriate to Marcus Cicero and also directed at others, particularly young Romans of the governing class.*

Em primeiro lugar, na ordem que aparece no texto, e por isso da forma que Cícero quis construir seu ethos, temos uma defesa de porque ele escreve, não passando as lições pessoalmente, e a referendação da sua *auctoritas*. Isso se dá nos quatro primeiros parágrafos do livro três, comparando-se a Públio Cipião – que é digno de seu louvor e de ser lembrado –, “*Vellem nobis hoc idem vere dicere liceret, sed si minus imitatione tantam ingenii praestantiam consequi possumus, voluntate certe proxime accedimus*”<sup>19</sup> (*De Off.* III.1). Em outra parte, deixa até a entender que sua produção intelectual é mais valiosa e seu esforço para fazê-la o torna superior a este, que ele tanto elogia,

*“propterea et otio fruor, non illo quidem, quo debeat is, qui quondam peperisset otium civitati, nec eam solitudinem languere patior, quam mihi adfert necessitas, non voluntas (...) Nos autem, qui non tantum roboris habemus, ut cogitatione tacita a solitudine abstrahamur, ad hanc scribendi operam omne studium curamque convertimus. Itaque plura brevi tempore eversa quam multis annis stante re publica scripsimus.”*<sup>20</sup> (IDEM, III.3-4).

---

<sup>19</sup> “Gostaria que fosse lícito dizer o mesmo sobre nós, mas se não pudermos buscar tanta superioridade de caráter pela imitação, chegamos perto pela vontade.” (tradução livre nossa).

<sup>20</sup> “Por isso gozo do ócio, certamente não daquele, o qual deveria [ser aproveitado] por quem outrora teria dado origem ao ócio para os cidadãos, nem sofro de estar abatido desta solidão, que a necessidade me traz, não a volição (...) Contudo nós, que não temos tanta força, de modo que em pensamento tacito seríamos afastados da solidão, voltamos a escrever esta

Não cremos que faria parte de um gênero puramente filosófico um ethos tão sentimental, que se põe em posição de sofrimento e dor a fim de aumentar o valor de seus escritos, de seu trabalho de ócio – um ócio forçado e que é a causa de sofrimentos. Tamanho sentimentalismo não parece ter espaço no gênero filosófico. Em seus diálogos platônicos, Cícero não lança mão desses artifícios, se assim o são – e se não forem compreendidos desta maneira, mas realmente uma sobreposição do “eu” dentro do discurso, menos espaço ainda teria dentro de outro discurso senão o epistolar<sup>21</sup>.

Assim também, outra característica que nos aponta ser realmente uma carta é o ajuste temático em consonância ao coenunciador. Ora, se fosse uma personagem inventada, a ordem se inverteria, a escolha da personagem se daria conforme melhor adaptação ao tema, como no *De Oratore* a preferências pelos grandes mestres de Cícero, Crasso, Bruto e Marco Antônio. De acordo com Griffin e Atkins (2011), “(...) *Cicero had in mind, not only his son Marcus, but men like his son-in-law Dolabella and his nephew Quintus, clearly more gifted than his on son, but easily seduced politically, first by Caesar and then by Anthony.*”.

E, se uma das características do gênero epistolográfico é a presença explícita do coenunciador, e sem dúvida Marco Túlio está presente na obra, nos diversos vocativos, na presença de uma segunda pessoa verbal. Até mesmo no último parágrafo do livro III, a despedida, ele é lembrado, “*Habes a patre munus, Marce fili, mea quidem sententia magnum, sed perinde erit ut acceperis*” (*De Off* III.121)<sup>22</sup>. Portando, parece-nos claro que há um destinatário, principalmente quando Cícero escreve “tens o trabalho/serviço/obra do pai”, com o “*a patre*”, um ablativo regido da preposição *ab*, mostrando a origem do trabalho, podendo transmitir também uma ideia de distância espaço-temporal, fruto da origem de carta enquanto gênero - a ausência.

Por último, vale ainda ver que tanto em *De Officiis* e em correspondências a Ático, Cícero fala em escrever ao filho, como nos lembram Griffin e Atkins (2011),

---

obra sobre todo estudo e preceito. E assim, deposta a república, escrevemos mais em breve tempo do que em muitos anos, nem sofro de estar abatido desta solidão, que a necessidade me traz, não a volição.” (tradução livre nossa)

<sup>21</sup> Levando em consideração o restante dos traços da construção do discursos.

<sup>22</sup> “Tens aqui o trabalho do pai, meu filho Marco, em verdade grandioso, conforme me parece, mas será da magnitude que aceitares.” (tradução livre nossa).

*“letters to Atticus make it clear that Cicero planned the work with his son in mind: ‘I am addressing the book to Marcus. From father to son what better theme?’ (Att. XV.13a.2). Young Marcus, Cicero’s second child and only son, had been in Athens for a year studying both oratory and philosophy, and there is ample testimony in letters of the period to Cicero’s concern with the progress of his education (...) Now, as he tells Atticus, he felt that a visit ‘would do much to keep Marcus steady’ (Att. XIV.13.4).”*

Tais apontamentos presentes nas cartas a Ático dizem muito sobre a obra. Não é simplesmente uma obra dedicada a seu filho, mas um obra endereçada a seu filho, que a deve receber e ler. Isto nos leva a crer que o próprio Cícero a considerava uma forma de carta, não com assuntos cotidianos e particulares, mas com uma temática um pouco mais aberta e que, ainda que seja prioritariamente direcionada a seu filho, poderia servir aos jovens romanos.

#### **4. Conclusão**

Após as reflexões feitas anteriormente, nos deparamos com diversas barreiras e lacunas no estudo clássico até então, com a falta de novas concepções que estejam de acordo com o pensamento linguístico-discursivo atual, e essencialmente com estudos e teorias que a priori não correspondem mais às novas noções teóricas relativas a línguas modernas – o que muitas vezes nos leva a crer que falamos de coisas completamente distintas e por vezes até contraditórias quando abordamos línguas clássicas e suas sociedades e línguas modernas e suas sociedades.

Se, de fato, os estudos clássicos perderam força – o que fica evidente pela tentativa de resgate tão objetivada pelo Papa Bento XVI e a diminuição dos cursos *strictu sensu* e pesquisa da área no Brasil<sup>23</sup> –, um dos motivos sem dúvida é a essa divisão e petrificação dos estudos e pesquisas. Contudo, como ficou claro durante este pequeno excerto, há teorias e pensadores atuais que buscam contornar essa situação e mantêm ainda vivas as línguas e sociedades clássicas.

---

<sup>23</sup> Não mais que 5 atualmente em todo território nacional.

Um dos grandes problemas não resolvidos ainda é a questão do gênero epistolar. Desde que temos produção de língua escrita, ou como chamou Saussure, *langue*, temos escritos de um a outro, de forma claramente a servir como uma substituição a voz presente – ainda que a escrita tenha uma voz própria. E, como acreditamos, isso dá origem ao gênero de que falamos, que evoluiu e deixou de ser somente o encurtamento espaço-temporal entre dois ou mais interlocutores. Cartas literárias, cartas burocráticas, cartas abertas a determinada comunidade, diversos são os tipos, mas que guardam determinadas características iguais, pois todos são reconhecidos como carta.

E, consoante aos estudos mais atuais tanto da Análise do Discurso de linha francesa, quanto de estudos clássicos-exegéticos, é visto por nós ser este o caso de *De Officiis*, especificamente o livro III. É inegável a temática filosófica, e indiretamente política, mas isso não corresponde ao gênero, como fica claro na teoria de Maingueneau (2008), já que tema e gênero são dois aspectos homólogos, por tanto coexistem. E mais, as noções de gênero, tanto do francês, quanto a adotada primariamente neste artigo, de Bakhtin, nos trazem que este é o resultado de uma soma de fatores, como a forma e a apresentação.

E a releitura aqui proposta abre uma série de novas percepções, dentre elas uma das principais é o ethos paterno adotado por Cícero, em relação a seu filho, já que em relação a sua filha nós temos seu discurso de pesar por sua morte. É possível também observar o posicionamento político do orador, sua percepção acerca das escolas filosóficas e seu posicionamento perante elas. Enfim, há uma série de informações que são revistas a partir de um novo ethos.

Concluimos também que uma análise do gênero epistolar clássico é necessária para estudos sobre o período medieval e sobre o estudo epistolar hodierno – que envolve inclusive emails e cartas em jornais e sites eletrônicos. Destarte, se faz mister novas concepções e teorias sobre a escrita e seus gêneros em Roma, não apenas literários, mas discursivos como são. Após isso, de fato, muito mais frutíferas serão as teorizações de hoje sobre o passado, sobre o presente e sobre possibilidades futuras.

## **5. Referências bibliográficas**

ALLEN, Archibald W. “Sincerity” and the Roman Elegists IN Classical philology, Volume XLV, number 3. SN: 1950.

BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da criação verbal*. Tradução feita a partir do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira revisão da tradução Marina Appenzellerl. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12 ed. São Paulo: HUCITEC ed., 2006.

CICERO, M.T. *De Officiis liber III*. Ed. Hubert Ashton Holden. 2ª ed., 9 reimpressão. Cambridge: Cambridge University Press, 1949.

\_\_\_\_\_. *On Duties*. Ed. M.T. Griffin e E.M. Atkins. 17ª reimpressão. New York: Cambridge University Press, 2011.

\_\_\_\_\_. *On the orator*. Trad. E.W.Sutton e H. Rackham. 2ª ed., London: Harvard University Press, 1948. Loeb Classical Library Collection.

FANTHAM, Elaine. *Roman Literary Culture: from Cicero to Apuleius*. Baltimore: John Hopkins University Press, 1999.

\_\_\_\_\_. *The Roman World of Cicero’s De oratore*. Oxford: Oxford university press, 2012.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves, 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GREENOUGH, J.B. et alii. *New Latin Grammar*. Boston: The Athenaeum Press, 1903.

GRIFFIN M.T. et ATKINS, E.M. *Cicero, On Duties*. 17ª ed. Cambridge : Cambridge Press, 2011.

GRIMAL, Pierre. *La Civilisation Romaine*. Barcelone: Flammarion, 2009.

KLAUCK, Hans-Josef. *Ancient letters and the new testament: a guide to context and exegesis*. Colaboratio of Daniel P. Bailey. Waco: Baylor University Press, 2006.

MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola editora, 2008.

\_\_\_\_\_. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Trad. Freda Indursky. 3ª ed., Campinas : Editora da UNICAMP, 1997.

MARTIN, R. et GAILLARD, J. *Les Genres littéraires à Rome*. Paris: Éditions Nathan, 1990.

NIETZSCHE, F. *Sobre a verdade e a mentira num contexto extra-moral*. Trad. Fernando Moraes Barros. São Paulo: Editora Hedra, 2007.

OXFORD UNIVERSITY, *Oxford Latin Dictionary*. London: Oxford University Press, 1968.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de Cultura Clássica, II Volume*. 3ª Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

SARAIVA, F.R. Dos Santos. *Novíssimo dicionário Latino-Português*. 12ª edição. Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2006.